



Dia Internacional de Luta da Mulher



Editorial

Há décadas como legítima representante do Magistério Paulista, a APEOESP empodera as professoras, que são a maioria na categoria. Seja através da sua própria pauta de reivindicações, que atualmente inclui uma aguerrida luta contra a reforma da Previdência estadual, que vai penalizar especialmente as servidoras, ou através da Secretaria de Mulheres, que abraça o debate das questões feministas.

Com Jair Bolsonaro na Presidência da República e João Doria no Governo do Estado de São Paulo, o debate retrocedeu a níveis inacreditáveis para o século XXI. Enquanto propõe abstinência para os jovens, o Governo desvirtua a ideia de educação sexual nas escolas, de acordo com uma visão preconceituosa, que não dialoga com os problemas reais das crianças e adolescentes em relação à sexualidade.

A pauta ultraconservadora ecoa em todo País e em São Paulo, com propostas de escolas militarizadas e projetos para proibir aulas sobre temas como diversidade e gênero.

Por isso, cada vez mais, precisamos lutar como mulheres fortes e determinadas a combater o desrespeito às diferenças, a violência que mata mulheres todos os dias, o estupro que faz vítimas a cada minuto e o racismo e a transfobia que discriminam, ainda mais, mulheres negras e transexuais.

Além de levar para a sala de aula temas recorrentes do feminismo, o Boletim Especial do Dia Internacional das Mulheres destaca boas notícias como a realização da Marcha Mundial de Mulheres no Brasil e o fenômeno internacional do coletivo chileno "Lastesis".

Neste 08 de março de 2020, a APEOESP tem a alegria de destacar essas e outras iniciativas de resistência à ignorância e brutalidade que dominam o cenário político. Boa leitura!

Professora Bebel - Presidenta da APEOESP

Machismo oficial é alvo de denúncias e protestos



Nunca um presidente da República foi tão vulgar com uma mulher, como Jair Bolsonaro foi com a repórter Patrícia Campos de Mello. No dia 18 de fevereiro, em explícita insinuação sexual, Bolsonaro afirmou que a repórter que investiga as 'fake news' que o elegeram, queria 'dar o furo a qualquer preço'.

Antes, no dia 06, a Relatoria Especial da ONU para Violência contras as Mulheres recebeu, denúncia referente ao esvaziamento orçamentário do governo brasileiro no combate à violência contra as mulheres. Segundo informações do Ministério da Saúde, a cada quatro minutos uma mulher é agredida por um ou mais homens, no Brasil.

Antes da denúncia à ONU, a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, enfrentou protestos na XIV Conferência Regional das Mulheres, que aconteceu em janeiro na Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe.

Parte da plateia, formada por ativistas que atuam em defesa dos direitos das mulheres e contra a desigualdade de gênero na América Latina e região, ficou de costas para a ministra, célebre por impor suas crenças religiosas em pautas de interesse nacional.

Resistência tem nome de mulher!

Conheça as reivindicações das trabalhadoras brasileiras no 08 de março de 2020:

- ☞ Basta de feminicídio Violência Não!
- ☞ Pelo fim do assédio moral, sexual e da cultura do estupro
- ☞ Pelo fim da divisão sexual do trabalho - relações compartilhadas já
- ☞ Nenhum Direito a Menos
- ☞ Liberdade, igualdade e autonomia das mulheres
- ☞ Salário igual para trabalho igual
- ☞ Não ao machismo - Educação para a Igualdade
- ☞ Em defesa da democracia, contra a entrega de estatais, pela retomada do crescimento econômico com geração de emprego e renda
- ☞ Em defesa do emprego, dos direitos, dos serviços públicos, da educação e da saúde
- ☞ Em defesa do saneamento básico
- ☞ Em defesa da água, clima e meio ambiente
- ☞ Em defesa das políticas públicas universais e de qualidade
- ☞ Em defesa da aposentadoria pública e contra o desmonte do sistema previdenciário
- ☞ Empoderamento da mulher e participação política em todos os espaços
- ☞ Combate ao racismo e toda forma de discriminação às mulheres
- ☞ Em defesa do trabalho decente e emprego com garantia dos direitos e conquistas
- ☞ Em defesa da política de valorização do salário mínimo
- ☞ Em defesa dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres
- ☞ Em defesa do SUS, da saúde da mulher e do parto humanizado
- ☞ Em defesa da ampliação da participação política das mulheres nas eleições

Professora é assediada por mencionar feminismo

Professora de Inglês da rede pública de Vinhedo há 20 anos, Virginia Ferreira foi absolvida no último mês de fevereiro, em um processo administrativo disciplinar, depois de ser gravada em sala de aula por uma estudante e exposta no Facebook por membros do Movimento Brasil Livre. Seu crime: antes do Dia Internacional das Mulheres de 2019, a professora pediu para uma turma do 8º ano, que pesquisasse sobre alguns conceitos do feminismo e os estrangeirismos relacionados com o conteúdo do próprio livro didático, que retratava personagens que atuaram a favor dos direitos civis.

O pai de uma das alunas da Escola Municipal Professor Ricardo Junco foi à Secretaria da Educação e disse que a professora estava utilizando suas aulas para ensinar sobre feminismo e "ideologia de gênero". Para completar o equívoco, o denunciante ainda acusou a professora de falar Portu-

guês que, como todos sabem, é a língua mediadora para o ensino da Língua Inglesa.

Vinhedo, que é a cidade onde surgiu o MBL em 2014, já arquivou dois projetos de lei referentes ao Escola sem Partido, que prega a doutrinação de direita nas escolas. Só que a professora Virginia tornou-se alvo duplo: do MBL e dos conceitos equivocados do Escola sem Partido: a gravação de sua aula foi publicada no Facebook do Movimento Brasil Livre de Vinhedo e ela enfrentou um processo administrativo disciplinar, que foi encerrado no dia 17 de fevereiro, com um brilhante parecer do Núcleo Especializado de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher, órgão da Defensoria Pública de São Paulo.

No parecer de defesa da professora Virginia, o Núcleo argumentou que "a discussão de gênero no ambiente escolar está em consonância com o que preconiza

as convenções internacionais assinadas pelo Brasil e a Constituição Federal; além de condizer com o direito à educação, à liberdade de cátedra, ao pluralismo pedagógico e, principalmente, com a Lei Maria da Penha, que afirma que uma das formas de prevenção é a discussão dos papéis de gênero".

"Entendemos que a professora fez o debate de gênero, que é essencial não só por ser determinação legal, mas porque existe uma vinculação entre discriminação das mulheres e violência", argumenta a defensora pública Nalida Coelho Monte.

A professora acredita que foi exposta pela sua atuação sindical e partidária fora da escola. "A extrema direita cria uma mentira, desqualifica e acusa. Mas, eu tenho uma atuação como cidadã. Não faço apologias que não sejam éticas em sala de aula", justifica a professora.

Veja nesta Edição:

A repressão como política de Estado
página 2

Antropóloga ameaçada é premiada
página 2

Marielle é tema de Congresso da APEOESP
página 3

Mulher brasileira no Oscar
página 3

Um estuprador em seu caminho
página 3

Lideranças femininas negras
página 4

Tarsila é pop
página 4

Estante feminista
página 4

Ícone de **resistência**, Marielle jamais será silenciada

A abertura do XXVI Congresso Estadual da APEOESP “Marielle Franco” foi marcada pela emoção da presença do pai da vereadora, Francisco da Silva. Os mais de dois mil delegados presentes no Congresso, realizado paralelamente à VII Conferência Estadual de Educação, votaram pela realização de atividades no Dia Marielle Franco, 14 de março, data em que a ativista carioca foi assassinada com o motorista Anderson Gomes.

A apuração do crime ocorrido em 2018 tornou-se ainda mais nebulosa com a morte do miliciano Adriano da Nóbrega, no dia 09 de fevereiro, durante ação policial no interior da Bahia. Ligado ao senador Flávio Bolsonaro, Adriano era suspeito, entre outros crimes, de envolvimento com a quadrilha de ex-PMs acusados de matar Marielle.

Queima de arquivo

A morte do suspeito poderia esclarecer também a relação da Família Bolsonaro com as temidas milícias cariocas e o esquema de desvio de salário de servidores

no gabinete do senador, filho do presidente da República.

“O silenciamento de Adriano da Nóbrega, premeditado ou não, mostra que o Brasil é um país em que os limites entre lei e crime foram borrados num nível sem precedentes”, analisa a repórter e escritora Eliane Brum na sua coluna para o El País.

Nos dois anos em que a investigação sobre o assassinato de Marielle e seu motorista se arrastam, sem conclusões, o nome da ativista carioca tornou-se símbolo de resistência em todo o mundo. Mais de 150 logradouros públicos no Brasil e em outros países já levam o nome da vereadora do PSOL.

SP, Florença e Paris

Em São Paulo, uma praça na Brasilândia, bairro da zona norte da capital, ganhou o nome da vereadora, que também batiza informalmente uma escadaria em Pinheiros, decorada com fotografias e grafites em sua homenagem.

A Conferência Geral Italiana do Trabalho propôs à Prefeitura de Florença dar o nome de Marielle a uma rua ou praça da



cidade, que é coração da Toscana. Paris ganhou, em setembro de 2019, o Jardim Marielle Franco.

O legado da ativista será celebrado também no 1º Concurso Marielle Franco de



Professores levantam placa Marielle Franco no Congresso da APEOESP; no destaque, o pai da vereadora, Francisco da Silva, durante o evento

Rogério Cavallheiro

Literatura Feminista, lançado pela Editora Contracorrente e pelo Instituto Marielle neste dia 14 de março, dois anos após o assassinato da ativista. O ensaio vencedor será publicado pela Editora.

A **repressão** da sexualidade como política de Estado

“*Não desejo que as mulheres tenham poder sobre os homens, mas sim sobre si mesmas*” - Filósofa e escritora Mary Wollstonecraft

Ao invés de informação qualificada e diálogo, o governo decidiu apostar em uma cartilha ultraconservadora, para combater a gravidez na adolescência. A ministra da Mulher, Família e dos Direitos Humanos, Damare Alves divulgou, em fevereiro, o projeto que pretende levar às escolas em defesa da abstinência sexual entre os jovens.

A mistura de religião, sexo e poder, pregada pela extrema-direita, criminaliza o debate sobre questões de gênero e a Educação Sexual, essenciais para combater a violência doméstica e o abuso sexual.

Agressões e estupro

De acordo com Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o Brasil foi o quinto País mais violento do mundo contra as mulheres, em 2019. O abandono das políticas públicas em defesa dos direitos femininos, da juventude e dos LGBTQs somado ao discurso oficial agressivo e machista banalizaram a tragédia.

No ano passado, 1,6 milhão de mulheres foram espancadas. Os estupro também bateram recorde: foram 66 mil vítimas em 2018 (último ano apurado); 53,8% foram

meninas de até 13 anos de idade. A maioria dos crimes ocorreu dentro de casa e foi cometido por pessoas conhecidas das vítimas.

Na contramão das estatísticas, o governo insufla a violência, apostando em políticas equivocadas e estigmatizando o debate de gênero nas escolas, que tornou-se uma questão de saúde pública, diante do recorde agressões e estupros.

Catástrofe

“Ao longo do primeiro ano do governo Bolsonaro, é possível identificar que tanto a agenda racial quanto a agenda de gênero foram absorvidas, de certa forma, pela agenda da “família”, que engloba demandas sociais muito sensíveis, tais como segurança, saúde e educação”, analisa a antropóloga Isabela Kalil, que acaba de lançar o estudo sobre políticas antigênero “Brasil - A catástrofe perfeita?”, escrito em parceria com Sonia Correia, coordenadora do Observatório de Sexualidade e Política/ Sexuality Policy Watch. A incorporação de temas relacionados à Educação e Saúde ao Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, comandado por uma pastora evangélica, afasta o pare-

cer de especialistas qualificados, em prol de soluções carregadas de dogmas morais e religiosos, confirma o estudo.

Entidades como a Defensoria Pública, a Sociedade Brasileira de Pediatria e o Conselho Federal de Medicina posicionaram-se contra a Campanha de Prevenção de Gravidez na Adolescência, o chamado Projeto de Abstinência Sexual do governo federal.

Entre as críticas, destaca-se que informações sobre sexualidade devem ser abordadas em políticas públicas na saúde primária e também nas escolas, para evitar que o jovem se informe de maneira errada.



⇒ O Estudo “Brasil - A catástrofe perfeita?”, de Isabela Kalil e Sonia Correia, pode ser lido na íntegra na Agência Gênero e Número: <http://www.generonumero.media/>



⇒ O clássico “O Conto de Aia”, da escritora canadense Margaret Atwood ganhou uma sequência. A saga da nação transformada em ditadura religiosa, que popularizou-se em uma série de TV, prossegue em “Os Testamentos”, livro premiado com o The Book Prizer em outubro de 2019 e lançado no Brasil pela Editora Rocco. A escritora baseou sua ficção em fatos reais, como o sequestro de bebês pela ditadura argentina, na década de 70, e o retrocesso de direitos civis nos Estados Unidos e no Brasil, no século XXI.

Ameaçada pela direita, antropóloga é premiada

Responsável pela Pesquisa Nacional do Aborto, Debora Diniz é a ganhadora do Dan David Prize



Carlos Moura/STF

Obrigada a deixar o Brasil em 2018, após sucessivas ameaças da militância virtual bolsonarista, a antropóloga Debora Diniz recebeu o Dan David Prize, no dia 12 de fevereiro, em reconhecimento aos seus trabalhos na área de igualdade de gênero.

Debora, que é professora da Universidade de Brasília, pesquisadora da Organização Anis Instituto de Bioética e colunista do El País, é uma das maiores referências no direito reprodutivo das mulheres, que inclui a questão do aborto, e por este motivo, passou a receber violentas ameaças de militantes.

A antropóloga também é autora de vários livros; entre eles, “Zika: do sertão nordestino à ameaça global”, pelo qual recebeu o Prêmio Ciências e Saúde. Com o Dan David Prize, Debora vai dividir um milhão de dólares com a outra premiada, a feminista indiana Gita Sen.

Destaque para o Brasil, Petra Costa conta a história do **golpe** no Oscar

Ricardo Stuckert



Petra Costa dirigiu "Democracia em Vertigem", representante brasileiro no Oscar 2020. No destaque, APEOESP marca presença nas históricas cenas finais do documentário.

A cineasta mineira Petra Costa, que levou o Brasil à disputa do Oscar 2020 com o documentário "Democracia em Vertigem", realizou uma conquista inédita para o Brasil, para a América Latina e, especialmente para as mulheres.

Apesar de não ter conquistado o prêmio, Petra dirigiu o único filme latino-

-americano a disputar a estatueta na categoria melhor estrangeiro, em um ano em que o Oscar não teve nenhuma mulher indicada para disputar o título de melhor diretora.

A APEOESP aparece nas cenas finais do histórico documentário; o Sindicato marcou presença na manifestação de resistência que

os trabalhadores realizaram em São Bernardo, em abril de 2018.

Além de ter proporcionado visibilidade para os documentários produzidos no Brasil, a cineasta também levou para uma das maiores vitrines do Planeta, o tapete vermelho do Oscar, a memória de Marielle Franco e a denúncia do desmatamento da Amazônia.

Mas, a maior conquista de Petra Costa foi ter apresentado ao mundo o processo que retirou do cargo a primeira mulher eleita para a Presidência do Brasil.

Ativismo em Los Angeles

Ironicamente, a produtora de "Indústria Americana", que conquistou o Oscar de melhor filme estrangeiro, citou a frase mais famosa do Manifesto Comunista no agradecimento. "Workers of the world, unite!" ("trabalhadores do mundo, uni-vos"), disse Julia Reichert, parafraseando Karl Marx e Friedrich Engels.

Mas, foi Petra Costa quem levou ao tapete vermelho questões urgentes para

a omissão da sociedade e da justiça diante dos casos de violência contra as mulheres e, no caso específico do Chile, chamar a atenção para mais de 230 manifestantes que, em outubro passado, foram atingidos nos olhos por balas de borracha lançadas pela polícia durante protestos contra a desigualdade social.

As mulheres também fazem agachamentos durante a performance, em referência a relatório da ONG Human Rights Watch, que denunciou casos de abuso por parte de policiais que forçaram manifestantes detidos a fazer agachamentos, enquanto estavam nus.

Em São Paulo

Infelizmente, a história e o contexto em que a performance surgiu no Chile é muito semelhante ao Brasil. A memória da ditadura e a violência brutal do Estado sobre o cidadão, vivenciadas por chilenas e brasileiras, mobilizaram, por exemplo, as mulheres que foram ao Largo da Batata no dia 04 de dezembro, para reproduzir a coreografia.

Ao final da performance, transmitida pelo YouTube, as mulheres gritaram "Paraisópolis, foi genocídio", em uma referência ao massacre policial de nove jovens em um baile funk na zona sul paulista, no dia 1º de dezembro.



A performance original 'Un violador en tu camino' está no Canal do Coletivo Lastesis no YouTube.

todo o planeta. As placas com as hastags #ActfortheAmazon (Ato pela Amazônia) e #actfordemocracy (Ato pela Democracia), levantadas por ela e por integrantes da produção de seu filme, percorreram o mundo. Para completar, a cineasta usou um vestido vermelho em homenagem à vereadora brasileira e postou em suas redes sociais, momentos antes da premiação: "Quem mandou matar Marielle Franco? Queima de arquivo".



A Netflix oferece licença educacional para a exibição pública de alguns dos seus documentários, como "Democracia em Vertigem". Para exibir o aclamado filme de Petra Costa em sua escola, acesse <http://democraciaemvertigem.com>

Ressentidos e machistas com poder

Depois de comparar servidores públicos a parasitas, o ministro da Economia Paulo Guedes disse, em defesa da alta do dólar, que domésticas iam à Disney com o dólar em baixa. Pai da Reforma da Previdência, Guedes já apresentou outras propostas cruéis, como a taxaço do seguro-desemprego e a redução do benefício pago a idosos de baixa renda.

A declaração contra as trabalhadoras domésticas é mais um episódio do sexismo da máquina do ódio instalada em Brasília, explícito desde a campanha que derrubou Dilma Rousseff da Presidência da República. A premiada jornalista Patrícia Campos Mello é a vítima mais recente do machismo oficial. Atacada pela máquina de mentiras porque publicou, na época das eleições, uma reportagem que revelou que empresas foram contratadas ilegalmente para fazer disparos em massa de fake news contra adversários de Bolsonaro, a jornalista da Folha de S. Paulo foi acusada em uma CPI de ter oferecido sexo em troca de informações.

Reportagem do The Intercept Brasil revelou que o senador Flávio e o deputado Eduardo Bolsonaro, filhos do Presidente da República, são dois dos administradores de grupos que repassam conteúdo de extrema-direita, incluindo memes misóginos e montagens que insinuam que a jornalista estaria se prostituindo para obter informações.

Escritora, correspondente internacional, diretora da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, Patrícia Campos Mello declarou que o linchamento virtual, através de ofensas misóginas, são uma agressão contra todas as mulheres e mostram como jornalistas têm sido sistematicamente vítimas de difamação e intimidação.

Sucesso internacional, performance feminista denuncia violência

"O patriarcado é um juiz que nos julga por nascer; e nosso castigo é a violência que você não vê" - Coletivo Lastesis

Em poucos dias, uma performance realizada pelas integrantes do Coletivo chileno Lastesis nas ruas de Valparaíso, a 120 quilômetros da capital Santiago, transformou-se no hino feminista mais poderoso dos últimos tempos.

"Um estuprador em seu caminho" ('Un violador en tu camino' em espanhol) usa música e coreografia para denunciar o machismo e divulgar obras como "Calibã e a Bruxa", da ativista norte-americana Silvia Federici, e a tese da antropóloga argentina Rita Segato sobre o estupro como crime de poder e frustração masculina.

No Dia Internacional da Violência Contra a Mulher, 25 de novembro, a performance de Valparaíso chegou à capital chilena, Santiago, onde reuniu milhares de manifestantes em frente ao Estádio Nacional, que foi um centro de tortura na ditadura, e, desde então, milhares de mulheres aderiram à coreografia em diferentes idiomas, em todos os continentes.

Teoria e prática

O Coletivo Lastesis reuniu-se, pela primeira vez, em abril de 2019 para adaptar teses de autoras feministas para o teatro,

em 'pockets shows' de 15 minutos. A teoria levou o grupo à análise de fatos como violência sexual, homicídios e estupros e à constatação de que no Chile, a exemplo de outros países, as denúncias desse tipo não são apuradas e muito menos punidas com rigor.

A culpabilização da vítima também é um fato retratado na música. "E a culpa não era minha, nem de onde estava, nem como me vestia. O estuprador é você", cantam mulheres em Paris, Istambul, Nova York e São Paulo, em referência ao fato de que, em pleno século XXI, mulheres abusadas e estupradas ainda são questionadas sobre como estavam vestidas no momento da agressão.

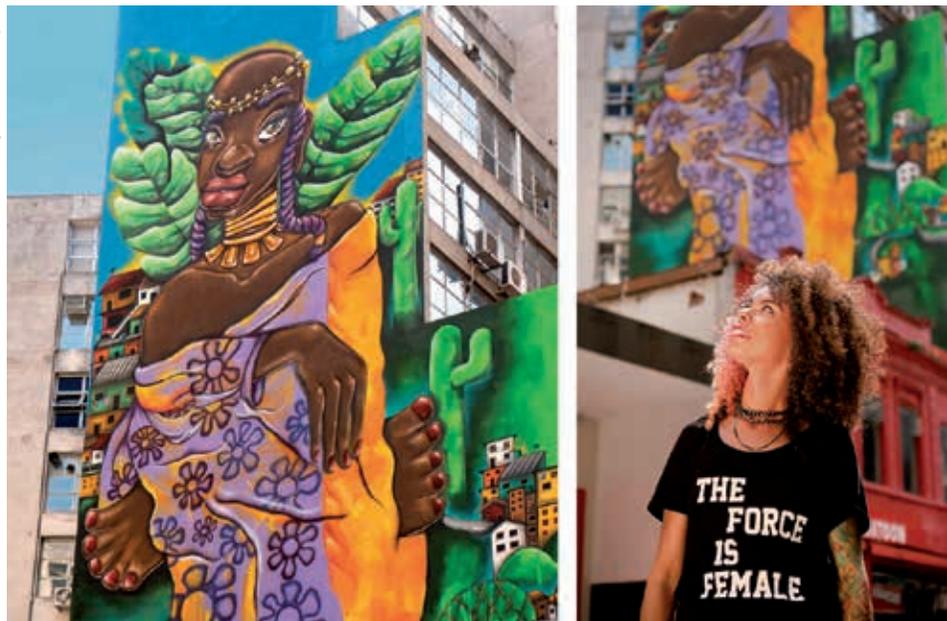
A letra da música também desmascara o homem estuprador ('macho violador' em espanhol): são os policiais, os juízes, os presidentes.

Olhos vendados

Neste mix de protesto e ritmo, as ativistas chilenas incorporaram várias questões que retratam a opressão sobre o corpo feminino. As manifestantes fazem a coreografia de olhos vendados, para denunciar

Tarsila pop: “A arte existe porque a vida não basta” - Ferreira Gullar

Instagram Tarsila Inspira



Inspirada pelo quadro “A Negra”, Crica Monteiro criou um dos grafites do Projeto Tarsila Inspira; no destaque, o quadro “A Lua”, que a modernista pintou em 1928.

Criados para comemorar os 466 anos de São Paulo, cinco murais pintados por mulheres grafitteiras em prédios do centro da capital são inspirados na obra de Tarsila do Amaral, a pintora que em 2019 levou o Masp a bater seu próprio recorde, com a exposição “Tarsila Popular”. Foram 402.850 visitantes, incontáveis horas nas filas, excursões escolares, caravanas e milhares de selfies.

A modernista também chegou ao Museu de Arte Moderna de Nova York, em 2019, estabelecendo um novo recorde. Incorporado ao acervo do MoMA, seu quadro “A Lua” (1928) é o obra mais cara já vendida de um artista brasileiro.

O talento da artista continua multiplicando-se em iniciativas como os grafites das mulheres do Projeto Tarsila Inspira, que integra o Museu de Arte de Rua e pode ser conferido nos seguintes endereços: Ruas Direita, Quitanda, XV de Novembro e Brigadeiro Luis Antonio.

Ex-funcionária da APEOESP é destaque entre novas lideranças femininas negras



A socióloga Evânia Maria Vieira, ex-funcionária da APEOESP, foi uma das 60 mulheres selecionadas pelo Programa de Aceleração do Desenvolvimento de Lideranças

Femininas Negras Marielle Franco. Para homenagear o legado de Marielle, o Programa do Fundo Baobá aposta na promoção da equidade racial e de gênero, investindo em projetos desenvolvidos por profissionais como Evânia Maria, que foi selecionada, entre mil lideranças femininas negras, com o Projeto “Tratamento da dor crônica é um direito humano e uma questão de justiça social”.

Com especialização pela Universidade Federal de São Paulo em Mindfulness aplicado à promoção da saúde, Evânia realiza atendimento individuais, palestras e programas de rádio, além de coordenar um grupo de apoio a pessoas idosas e com dor crônica, na cidade de São Vicente de Minas, em Minas Gerais.

Sétima filha de uma família de 14 irmãos, a socióloga, que começou a trabalhar aos 7 anos de idade, comemora a seleção no Programa do Fundo Baobá. “A superação das barreiras impostas pela negritude é para mim um motivo de orgulho. Fui a primeira da minha família a concluir um curso universitário e agora vou ter o incentivo da Fundação Baobá para desenvolver um projeto que vai ajudar muito a minha comunidade”, comemora Evânia Maria.

A dica de superação desta nova liderança feminina está no próprio site, criado para ensinar abordagens e técnicas de Medicina Comportamento e Mindfulness: “Você não pode deter as ondas de dor e sofrimento na vida, mas pode aprender a se acalmar”. Acesse <http://www.evaniemvieira.com.br/>

A edição 2020 do Boletim do Dia Internacional das Mulheres destaca ainda uma série de lançamentos literários, para informar, inspirar e empoderar. Boa leitura!

● O jornalista Camilo Vannucchi resgatou o protagonismo da dona de casa e operária que foi primeira-dama duas vezes, em “Marisa Leticia Lula da Silva” da Alameda Editorial. O autor conheceu a esposa do ex-presidente Lula em 1986, quando tinha 7 anos de idade, e para narrar sua vida, entrelaçando com a história do país, pesquisou por três anos, visitou lugares por onde Dona Marisa passou e entrevistou mais de 90 pessoas.

● Lute como uma garota: 60 feministas que mudaram o mundo” escrito por Laura Barcella e Fernanda Lopes reúne biografias de mulheres notáveis, de pioneiras do século XVIII a estrelas como Oprah Winfrey e Madonna. O livro ilustrado do Grupo Editorial Pensamento tem prefácio da historiadora Mary Del Priore.

● A Editora Autêntica lança, em parceria com o Instituto Vladimir Herzog, “Heróínas desta História” - Mulheres em busca de justiça por familiares mortos durante a ditadura”. Organizado por Carla Borges e Tatiana Merlino, o livro conta a trajetória de mulheres como Eunice Paiva, Clara Charf, Clarice Herzog, camponesas, indígenas e operárias, que perderam maridos, filhos e outros parentes assassinados nos porões da ditadura militar brasileira.

● Em três volumes, “Imagens da Mulher no Ocidente”, da socióloga e jornalista Isabelle Anchieta, analisa as imagens femininas nas Artes Plásticas. A caixa de livros da Edusp contém “Bruxas e Tupinambás Canibais”, “Maria e Maria Madalena” e “Stars de Hollywood”.

● A ex-deputada e jornalista Manuela D’Ávila explica o feminismo para quem ainda não está familiarizado com o movimento em “Por Que Lutamos? Um Livro Sobre Amor e Liberdade”. O livro da Editora Planeta apresenta temas como o “mansplaining”, situação em que um homem tenta explicar a uma mulher um assunto que ela domina, ou o “manterrupting”, quando a mulher é interrompida, como a própria Manuela foi 62 vezes, durante sua participação no Programa Roda Viva, na campanha eleitoral de 2018, em um episódio que se tornou simbólico do machismo brasileiro.

O Brasil vai sediar a 5ª Marcha Mundial de Mulheres, programada para acontecer entre os dias 28 e 31 de maio de 2020 no Rio Grande do Norte, único Estado brasileiro governado por uma mulher, a pedagoga Fátima Bezerra (PT).

Realizada a cada 5 anos, a Marcha deve reunir aproximadamente duas mil mulheres de todo o mundo, sob o tema “Resistimos para viver! Marchamos para transformar!”

Para a governadora Fátima Bezerra, esta 5ª Marcha Mundial de Mulheres é “um momento muito importante, principalmente nesses tempos que estamos vivendo, de tantos retrocessos.”



Dirigentes responsáveis

Maria Izabel Azevedo Noronha
Presidente da APEOESP
Fábio Santos de Moraes
Vice-Presidente
Roberto Guido
Secretário de Comunicações

Stenio Matheus de M. Lima
Secretário de Comunicações Adjunto
Suely Fátima de Oliveira
Secretária Para Assuntos da Mulher
Rosa Maria de Araújo Fiorenin
Secretária Para Assuntos da Mulher Adjunta

Conselho Editorial

Maria Izabel Azevedo Noronha
Fábio Santos de Moraes
Roberto Guido
Stenio Matheus de M. Lima
Leandro Alves Oliveira
Silvio de Souza

Rita de Cássia Cardoso
Richard Araújo
Flaudio Azevedo Limas
Miguel Noel Meirelles
Francisco de Assis Ferreira
Paula Cristina Oliveira Penha

Texto e Edição:
Ana Maria Lopes – Mtb 23.362

Produção:
Secretaria de Comunicações
da APEOESP

Tiragem: 15 mil exemplares